



GT 15: Práticas culturais na produção da cidade

O MERCADO PÚBLICO DE ICÓ ENQUANTO FORMA SIMBÓLICA ESPACIAL

A apreensão das memórias e significados dos moradores frente as mudanças e permanências

José Werlon Ferreira de Souza
Programa de Pós Graduação em Geografia – PROPGEO/UECE
jswerlon@mail.com

RESUMO:

Os mercados públicos se apresentam como formas simbólicas espaciais por meio dos significados atribuídos pelos moradores em meio as memórias existentes frente as permanências e mudanças ocorridas neste espaço. Assim, este trabalho tem como objetivo identificar por parte dos moradores, a apreensão de um ambiente construído em um contexto de permanências e mudanças. O percurso metodológico desse estudo qualitativo e etnogeográfico, envolveu a pesquisa bibliográfica e documental, o trabalho de campo desenvolvido por meio entrevistas semiestruturadas não diretivas com os frequentadores do Mercado Público de Icó. A partir disso, percebeu-se as memórias, significados e a afetividade dos frequentadores com este espaço, assim como a importância do tombamento na manutenção da arquitetura e história, assim como a revitalização e refuncionalização dessa forma simbólica.

Palavras-chave: Patrimônio; Mercados Públicos; Memória;

1. INTRODUÇÃO

No âmbito da nova geografia cultural, como expressão da atribuição de valor e significado pelos grupos sociais, as formas materiais, articulam-se a ideia de ‘formas simbólicas espaciais’, sendo estas materiais ou imateriais, são constituídas, na percepção de Corrêa (2007,

p. 7) por “[...] signos construídos a partir da relação entre formas, os significantes, e os conceitos, os significados”, considerando que as produções desenvolvidas pelos seres humanos são vistas como simbólicas.

Partindo dessa ideia, o olhar estará voltado para o espaço do mercado público, dotado de centralidade, na qual aproxima pessoas diariamente por diversas motivações, onde, para além das suas funções econômicas, apresenta suas formas simbólicas criadas por meio das ações e significados desenvolvidos pelas pessoas, como coloca Xavier (2016, p.74), ao comentar que esse espaço público se estabelece “[...] entre esses elementos relações de troca seja econômica seja simbólica as quais sustentam processos de interação social”.

A origem dos mercados públicos está associada ao desenvolvimento do capitalismo, na tentativa de centralizar o comércio no espaço urbano, facilitando a troca de mercadorias por meio grande abastecimento de produtos (Oliveira, 2023). A maioria dos mercados perderam a sua funcionalidade econômica frente a modernização das atividades comerciais e as novas necessidades de consumo, onde mesmo com as várias tentativas de requalificação, restauração, refuncionalização e modificação para esse equipamento público, permanecem a tentativa de manter suas atividades econômicas e as memórias dos moradores para com as formas simbólicas espaciais presentes nesta área.

O mercado público escolhido para este estudo está localizado no município de Icó, no estado do Ceará, construído em 1875, como uma tentativa de expansão urbana, apresenta uma arquitetura neogótica típica do último quartel do século XIX, está inserido no Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de Icó, no qual passou pelo processo de tombamento no ano de 1998.

Em meio ao cenário de deterioração estrutural e o desaparecimento das atividades, o processo de tombamento dos mercados públicos e a sua inserção como patrimônio cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), está vinculado a representatividade desses espaços como símbolos da história de uma sociedade, onde a sua preservação associa-se, no olhar de Olivera (2017, p.2) a “[...] atribuição de novos usos a estes espaços considerados representativos da memória coletiva”.

Diante das formas simbólicas presentes no Mercado Público de Icó, o processo de tombamento e a conservação dessa área patrimonial, as memórias dos moradores em meio as mudanças e permanências deste espaço, este trabalho tem como objetivo identificar por parte dos moradores, a apreensão de um ambiente construído em um contexto de permanências e

mudanças. Para isto, se fez necessário, compreender através da memória dos moradores da cidade, os significados simbólicos atribuídos ao Mercado Público Municipal, identificando também o uso atual do espaço do mercado público que contribui para a sua preservação e verificar o edifício enquanto valor documental no processo de tombamento do centro histórico de Icó.

Como aporte metodológico deste estudo, a pesquisa segue as ideias da abordagem qualitativa, por trabalhar com o mundo dos significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, sendo estes considerados fenômenos, nos quais são parte da realidade da sociedade, que os seres humanos, enquanto pesquisadores, tem a tarefa, no olhar de Minayo (2007, p. 21) de “pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes”.

Para descrever os significados e as memórias existentes pelo Mercado Público de Icó construídas pelos moradores, foi utilizado o método etnogeográfico, na qual Claval (1999) a define como “[...] a percepção que os homens têm do mundo, aprofunda aquilo que pode explorar e para nos valores que norteiam sua ação”, atribuindo ênfase, no olhar de Almeida (2022, p. 249) a “[...] diversidade de organizações espaciais delimitadas pelos padrões culturais”.

Os procedimentos desenvolvidos para a coleta de dados deste estudo foram a revisão bibliográfica e documental, o trabalho de campo desenvolvido no Mercado Público de Icó, onde realizou-se inicialmente a entrevista narrativa para que os moradores possam revelar histórias as quais reafirmem os significados por este espaço. Em seguida, foi articulada uma entrevista semiestruturada visando ouvir dos habitantes questões associadas as atividades desenvolvidas no espaço, a importância do tombamento para a manutenção do mercado e as memórias dos moradores com relação a essa área.

A proposta deste trabalho se justifica pela importância do Mercado Público de Icó como espaço público pertencente ao município, inserido na área patrimonial tombado pelo IPHAN no ano de 1998, onde se fortalecem as memórias dos moradores pelas formas simbólicas espaciais presentes neste espaço em meio ao processo de permanências e mudanças ocorridas ao longo do tempo.

Assim, o trabalho desenvolvido será apresentado a seguir, iniciando com as contribuições teóricas para o estudo, finalizando as concepções dos moradores associadas ao

mercado público e as memórias relacionadas as formas simbólicas espaciais presentes neste espaço.

2. O MERCADO PÚBLICO E AS FORMAS SIMBÓLICAS: ESPAÇO DE SIGNIFICADOS, MEMÓRIAS, PERMANÊNCIAS E MUDANÇAS

Considerando que a análise dos estudos culturais está centrada nos significados, as formas simbólicas espaciais sobre o prisma da geografia cultural podem ser descritas como representações encontradas no espaço nas quais expressam os significados criados pelos grupos sociais envolvidos. O simbolismo aparece na realidade manifestadas nas formas (materiais e imateriais), constituídas por meio das experiências humanas (Lobato, Brum e Meneses, 2018).

Em decorrência das mudanças sociais, econômicas e políticas ocorridas a partir da segunda metade do século XX, novas formas simbólicas espaciais foram introduzidas, com o mesmo valor simbólico atribuídos as antigas formas, como estátuas e memoriais. Assim, nesse processo de inserção, para além do valor cultural, as novas formas simbólicas espaciais podem ser associadas também a esfera econômica, expressando assim uma vinculação entre a economia e o simbólico. (Corrêa, 2010).

A construção de símbolos é convencional, os significados podem ser diversos, onde os objetos materiais e imateriais inicialmente podem não apresentar significado, entretanto, em meio ao contexto espaço temporal ocorre o acréscimo de sentidos diversos, uma “polivocalidade”, reforçando a capacidade de expressar interpretações distintas, onde as vivências de cada sujeito determinam seu significado. (Filho, 2017).

Ao articular a relação entre o cultural e o urbano, evidenciando o encontro do simbólico nas paisagens urbanas, é possível colocar que a área da cidade se constitui como produtor de paisagens nas quais existem formas simbólicas relacionadas, onde se apresenta como produto da ação humana, em meio ao processo de transformação e ocupação do meio ambiente pelo homem (Lobato, Brum e Meneses, 2018).

Ainda no diálogo com as formas simbólicas espaciais, a busca pelo simbólico é uma possibilidade de interpretar o passado, o qual pode ser visualizado como um texto incompleto, na qual permite várias interpretações, onde as reconstruções desenvolvidas são adaptadas ao momento vivido e ao grupo social inserido naquele espaço, podendo até mesmo gerar uma

multiplicidade de perspectivas a partir dessas leituras, uma refuncionalização simbólica (Costa, 2008); (Corrêa, 2007).

O simbolismo presente nas formas simbólicas espaciais expressa também o passado, onde o símbolo se estrutura de forma coletiva, transpassando seus significados entre as gerações. Nesse contexto, os lugares estão repletos de símbolos, nos quais representam os significados articulados pelo sujeito, onde é possível articular a relação entre espaço vivido e memória (Costa, 2008).

Ao perceber a cidade como uma forma simbólica, criada e transformada na tentativa de se atribuir valor as formas da cidade, onde a partir da identificação e interpretação das paisagens urbanas se faz possível desvelar o caráter identitário desses espaços. Assim, os mercados públicos surgem como uma expressão simbólica, em meio aos múltiplos usos econômicos presentes neste espaço.

Articulando o mercado público enquanto espaço dotado de simbolismo e significados atribuídos pelos moradores da cidade, evidenciando sua centralidade, podendo assim, associar a ideia de Gomes (2001, p. 98) ao entender que “[...] existem nas cidades determinados espaços privilegiados, carregados de simbolismo e de centralidade no que diz respeito à organização e a representação da vida pública”.

A partir do entendimento das formas simbólicas espaciais, é possível contextualizar o simbolismo presente nos mercados, ao considerar que este é um ‘espaço público’, inserido no espaço urbano, onde as pessoas encontram-se diariamente por interesses diversos, sejam pessoais ou coletivos, sendo estes responsáveis pela formação da sua centralidade, ao atrair, na perspectiva de Xavier (2016, p. 74) “[...] pessoas, objetos, signos, [...]”, capazes de criar relações de trocas econômicas ou simbólicas, garantindo a interação social.

O processo de criação dos mercados públicos está associado ao desenvolvimento do capitalismo, por meio do abastecimento das cidades e das trocas comerciais. Posteriormente, a sua funcionalidade esteve associada a venda de produtos, sejam industriais ou naturais, influenciado pelo processo de construção e aumento das grandes, médias e pequenas cidades ao longo dos anos. (Oliveira, 2023).

Como elemento público inserido no espaço urbano, transpassando sua funcionalidade econômica, o mercado pode ser compreendido também como o espaço simbólico, ao reproduzir, nas ideias de Serpa (2007, p. 9) “[...] diferentes idéias de cultura, da

intersubjetividade que relaciona sujeitos e percepções na produção e reprodução dos espaços banais e cotidianos”.

O caráter simbólico presente no mercado público, assim como em outros espaços inseridos na cidade, pode ser atribuído pelos moradores através da forma pela qual o habitante está presente no espaço, ideia esta evidenciada por Lefebvre (2008, p. 111), ao comentar que “O sistema de significações do habitante diz das suas passividades e das suas atividades: é recebido, porém modificado pela prática. É percebido”.

O simbolismo existente a partir dos significados atribuídos pelos moradores apresenta-se por meio das paisagens, vista nos estudos da geografia cultural como “paisagem cultural”, sendo organizada e produzida com a intenção de revelar uma mensagem geralmente imperceptível a olhos desatentos, constituída por elementos presentes nas ruas da cidade ou nas construções das formas, onde o seu entendimento envolve diversas interpretações. (Vasconcelos, 2022).

A presença do simbolismo em todas as paisagens está vinculada, na perspectiva de Cosgrove (2004) as transformações da natureza realizadas pelos seres humanos, onde o significado atribuído ao símbolo pode não ser facilmente percebido e compreendido. Assim, é válido colocar que o “simbólico” pode ser visualizado e assimilado em paisagens mais trabalhadas, por meio da sua representação em “pintura, poesia e arte”.

Os atributos simbólicos presentes nas paisagens possibilitam sua inclusão como espaço patrimonial, ao considerar sua localização fixa e o seu longo período de existência, além da sua cristalização na paisagem e a sua reafirmação durante o tempo. (Corrêa, 2007). Dialogando com isto, é possível afirmar que o espaço patrimonial eivado de simbolismo, se torna um importante meio de transmissão de ‘valores, crenças e significados’. (Vasconcelos, 2022).

As formas simbólicas espaciais contidas nas paisagens do espaço patrimonial evidenciam a relação entre o ser humano e o objeto, onde a observação e/ou as experiências vividas com o objeto determinam o simbolismo daquela forma. Nesse cenário, é válido colocar que as ‘formas’, no olhar de Corrêa (2007) apresentam um papel relevante na construção e manutenção das paisagens urbanas, enchendo os lugares de “valores estáticos e simbólicos”.

A ideia de patrimônio, contextualizado a partir da década de 1980, está associada a noção de bens e objetos materiais importantes culturalmente para uma sociedade a ponto de serem protegidos. Assim, a declaração do México, publicada na Conferência Mundial da Unesco sobre o Patrimônio Cultural (1985, p.01) atribui ao conceito sua definição mais precisa,

indicando-o como um “conjunto de valores que dão sentido à vida”, os quais podem ser obras materiais e não materiais, responsáveis por apresentar a criatividade de um povo, como a língua, os ritos, as crenças, monumentos históricos, a literatura e as obras de arte.

A patrimonialização de um espaço está vinculada à duas noções, a primeira é considerada uma visão clássica, associando a ideia de patrimonializar à manutenção do legado do passado, onde um grupo de pessoas seleciona os bens nos quais são necessários serem preservados para as gerações futuras, uma escolha cultural. A segunda noção inclui a ideia de ‘posse’ por parte de um grupo, contribuindo para que exista uma relação de identidade com os objetos, sugerindo a presença de valor pelo patrimônio, seja individual ou coletivo (Silva, 2000).

O patrimônio, seja material ou imaterial, tem seu interesse individual e/ou coletivo necessários para a manutenção no tempo, se apresentando assim como um instrumento capaz de recordar, de testemunhar o passado, possibilitando rememorar acontecimentos considerados relevantes, relacionando-se com a perspectiva de memória social, ao ser está responsável por ratificar a identidade de um grupo, valendo-se do patrimônio para isto. (Rodrigues, 2012).

A memória, em âmbito individual ou coletivo, proporciona as pessoas o sentimento de afetividade, assim como a construção e a reconstrução de fatos do passado por determinado espaço. Somado a isso, a memória social é responsável pela construção da identidade de um grupo, por meio das imagens associadas ao passado recordadas a partir das lembranças, aparecendo como uma ‘restauração do passado’. (Durso, 2023).

No diálogo da memória com a perspectiva cultural, é válido colocar que a memória cultural se organiza a partir dos pontos fixos do passado, sendo estes transformados em formas simbólicas, nas quais sua existência está vinculada a relação existente entre símbolos e indivíduos. Partindo disso, os atributos culturais eivados de memória estão presentes em ‘objetos ou construções’, nos quais se apresentam como lembranças para as pessoas, tais como “bibliotecas, monumentos, museus e arquivos”. (Durso, 2023).

As práticas patrimoniais estão vinculadas à ligação existente entre memória, pertencimento e o reconhecimento dos grupos, nos quais contribuem para o fortalecimento da identidade. Assim, abre-se a importância do patrimônio enquanto local ‘revelador’ de memórias, onde sua função é reafirmar os laços afetivos e de pertencimento a uma cultura ou grupo social. (Durso, 2023).

O mercado público, inserido em um espaço patrimonial, apresenta seu simbolismo ao relacionar pessoas diversas e percepções múltiplas nas quais contribuem para a produção e reprodução desses espaços por meio da intersubjetividade. A construção dos significados pelos espaços urbanos, inclusive o mercado, ocorre a partir do percebido e do vivido, no seu habitar desejado. (Xavier, 2016).

Ao ser considerado patrimônio, os mercados públicos podem ser visualizados como forma simbólica espacial, ao ser arquitetada pelas pessoas, cuja sua função, dentre muitas, é transmitir uma mensagem, na qual sua preservação durante o tempo é responsável por garantir esta mensagem viva na memória das novas gerações, como também a formação de novos significados. (Vasconcelos, 2022).

Mesmo com a conservação vinculada ao processo de tombamento, os mercados públicos passam por mudanças nas quais acompanham a evolução das cidades e as novas imposições do sistema econômico político, enfrentando modificações, na perspectiva de Gomes (2001, p. 98) que envolvem “[...] sua dinâmica social e sua organização espacial”, que acompanham a própria identidade deste espaço.

O processo de restauração dos mercados públicos ocorre a partir da necessidade de manter vivas as formas históricas existentes aliados as novas necessidades do espaço, resgatando sua sociabilidade. As mudanças transpassam as questões estruturais, onde comerciantes, moradores e visitantes poderão desfrutar dos novos espaços, passando a atender as novas imposições de consumo, mas possibilita também a manutenção dos significados para com aquelas paisagens, assim como a construção de novas formas simbólicas, a partir do desenvolvimento de novas experiências. (Olivera, 2017).

Em meio a este cenário de modificações impostas, o mercado público, enquanto forma simbólica espacial, representa a parte viva da cidade, onde estão repletos de simbologias e memórias construídas por meio das experiências. A patrimonialização deste espaço contribui para ‘recordar o passado’, aparecendo, no olhar de Rodrigues (2018, p. 4) como “[...] uma manifestação, um testemunho, uma invocação, ou melhor, uma convocação do passado”, apresentando assim a função de ‘rememorar’ acontecimentos passados.

Enquanto espaço público dotado de formas simbólicas espaciais frente aos significados atribuídos pelos moradores, apresenta-se o Mercado público de Icó inserido no espaço patrimonial local, construído por volta de 1875 (Iphan, 2021). O município está localizado na mesorregião Centro Sul do estado do Ceará, tendo sido criado enquanto vila em 04 de maio de

1738, é subdividido em seis distritos: Icó (sede), Cruzeirinho, Icozinho, Lima Campos, Pedrinhas e São Vicente, onde o seu gentílico é conhecido como “Icoense”. (ICÓ, 2023). A figura 1 apresenta a fachada do Mercado Público de Icó

Figura 1 – Fachada do Mercado Público de Icó



Fonte: Icó (2024).

Nesse contexto, serão desvelados e interpretados os significados atribuídos pelos moradores de Icó pelas formas simbólicas espaciais presentes no Mercado Público Municipal, por meio das experiências vividas ao longo do tempo naquele espaço, além das memórias articuladas pelos moradores frente as mudanças e permanências desenvolvidas através do processo de patrimonialização e as imposições do capitalismo.

3. OS SIGNIFICADOS E AS MEMÓRIAS DOS MORADORES DE ICÓ PELAS FORMAS SIMBÓLICAS ESPACIAIS DO MERCADO PÚBLICO MUNICIPAL

O mercado público localizado no centro comercial de Icó, construído para atender as finalidades econômicas da população local, transformou-se em um espaço de significados para os moradores em meio as experiências desenvolvidas, contribuindo para a criação de formas

simbólicas espaciais repletas de simbolismo e memórias por essa área localizada no espaço patrimonial do município, nas quais serão destacadas a seguir.

Assim, no contexto da pesquisa empírica, vivenciamos o cotidiano do mercado público icoense em dias da semana (uma terça e quarta-feira pela manhã) onde com um olhar etnogeográfico, foram registradas as experiências vividas neste espaço, escutando as narrativas e respostas dos moradores com relação ao simbolismo e as memórias existentes pelas formas simbólicas presentes neste espaço e a necessidade de preservação e conservação deste equipamento público.

Durante o trajeto percorrido no mercado e a conversa com os moradores, foi possível ouvir histórias nos quais retratam os significados atribuídos a este espaço, como mostra as narrativas dos entrevistados:

“Gosto daqui, do espaço, dos amigos, temos muitas histórias, das vendas que realizei e das pessoas que conheci, muitas eu não lembro”. (Entrevistado A)

“Tenho muito amor por esse espaço, histórias de muitas pessoas, que até já morreram, exemplo disso é o Chico Moreira, Manoel Jacinto, que gostavam de estar aqui e tomar uma cachaça, brincavam e depois iam para casa”. (Entrevistado B).

“Me aposentei, recebi uma proposta para trabalhar em Camocim e em Boa Viagem, mas preferi ficar aqui”. (Entrevistado C).

“Meu pai comercializava aqui, tínhamos um intenso movimento do comércio da carne”. (Entrevistado D).

Através do relato dos moradores, é possível observar as memórias individuais ou coletivas existentes, como meio para construir sua identificação com o mercado público, a formação do sentimento de pertencimento e afetividade das pessoas por este espaço e a possibilidade, a depender do contexto, de ressignificar momentos do passado. (Junior e Oliveira, 2018)

A patrimonialização do mercado público e a manutenção das suas atividades, contribuem para que os moradores possam recordar o passado, atuando no olhar de Rodrigues (2017, p. 355) como “[...] uma convocação do passado”, contribuindo para rememorar momentos importantes, abrangendo a ideia de memória social, na qual está é responsável por legitimar a identidade de um grupo.

A partir das memórias colocadas pelos moradores é possível articular o mercado público icoense aos prédios que resistem ao tempo e a destruição advinda da modernidade, composto

por pessoas e grupos que vivenciam e percorrem cotidianamente este espaço, aparecendo como uma forma simbólica espacial ao adquirir, no olhar de Vasconcelos (2022, p. 79) “uma dimensão simbólica”, por produzir significados através das memórias individuais ou coletivas.

Por meio de todas as falas dos moradores, o mercado público se apresenta como parte da história de Icó por ser um dos espaços mais antigos do município, como afirma o entrevistado C, que desenvolve atividades comerciais no mercado há mais 40 anos.

O mercado é único, se observa isso na arquitetura, é o último existente construído a partir da metade do século XIX, tem um estilo neogótico”. (Entrevistado C)

Como colocado pelo morador, o estilo arquitetônico do Mercado Público ligado a arquitetura barroca, com aspectos próprios do Nordeste e do neoclássico francês, construído no século XIX, vinculada ao período colonial, retrata a política de fortalecimento de formação e povoamento do espaço da cidade nesse período, por meio da criação do seu centro de abastecimento e comércio. (Farias, 2007)

Para além das relações comerciais, a fala do entrevistado C reforça a perspectiva na qual coloca que o crescimento das cidades no período colonial ocorreu ao redor da estrutura do mercado, colocando este espaço como o coração da cidade, onde era possível perceber não apenas a sua centralidade, como também a sua relevância para o processo de desenvolvimento do território icoense, assim como o fortalecimento das relações de convívio entre as pessoas. (Olivera, 2017)

As figuras 3 e 4 retratam o estilo arquitetônico do Mercado público icoense, no qual se apresenta sua estrutura interna composta por um pátio central e varanda interna, suas lojas de acesso duplo, entradas centrais abertas em cada fachada, aspecto este típico dos mercados comerciais cearenses (Júnior, 2009).

Figura 3 – Estilo arquitetônico do Mercado Público de Icó



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 4 – Estilo arquitetônico do mercado público de Icó



Fonte: Elaborado pelo autor

Durante a conversa, os moradores icoenses que frequentam o Mercado Público apresentaram também as principais atividades neste espaço, nas quais contribuem para a manutenção da sua funcionalidade. As principais falas vinculadas a essa questão serão expressas a seguir:

“Comércio de coisas em geral, como peças de couros ferragens, alumínio”
(Entrevistado A)

“Comércio de artefatos de couro”. (Entrevistado B)

“O comércio e o bar”. (Entrevistado C)

“Somente o comércio de tambor, temperos, cabos de enxada e chibanca (Entrevistado D)”.

“Somente o comércio”. (Entrevistado E)”.

Os elementos comercializados pelos moradores no espaço do mercado público de Icó transcendem a sua função comercial, passando a ser também expressão cultural do povo nordestino, marcado através dos artefatos de couro, ferragens, alumínio, potes de barro, temperos e a enxada, sendo estes responsáveis por manter viva a cultura popular da região, nos quais evidenciam, no olhar de Nascimento (2024, p. 58) “[...] valores, costumes, formas de viver, laços de sociabilidade e convivência”. Na figura 5, é possível enxergar os elementos comercializados no mercado público icoense:

Figura 5 – Produtos comercializados no mercado público de Icó



Fonte: Elaborado pelo autor

Embora signifique a manutenção da expressão cultural nordestina, a presença do comércio como única função desenvolvida pelos moradores presentes no mercado público, evidenciam a necessidade de revitalização, onde seja possível devolver sua importância funcional ao espaço, com a reorganização das atividades comerciais e serviços tradicionais, além do desenvolvimento de ações que possam atrair moradores e turistas interessados em conhecer a história e cultura icoense. (Xavier, 2016).

A revitalização não seria apenas nas atividades comerciais desenvolvidas no mercado público, mas também abrangeria a sua estrutura física interna, que necessita de reparos, tendo em vista suas péssimas condições atuais, onde o processo de patrimonialização exige a preservação da sua forma arquitetônica e das condições estruturais. Na figura 6 é possível visualizar as condições atuais do Mercado Público de Icó.

Como espaço público patrimonial tombado pelo IPHAN, um dos projetos para a preservação do mercado público seria a “revitalização”, na qual se articularia como ações que buscariam atribuir nova vida a este espaço, com a sua recuperação e a formação de uma nova imagem perante aos moradores. A ideia de revitalizar passa também por um planejamento estratégico, contribuindo para a melhoria deste ambiente, no olhar de Olivera (2017, p. 0 “[...] de forma social, econômica e cultural”, contando com a organização de atividades que possam atrair as pessoas, sem desconsiderar as práticas já existentes (Olivera, 2017).

Figura 6 – Condições atuais do Mercado Público de Icó:



Fonte: Elaborado pelo autor.

O tombamento de um espaço pelo Iphan representa não apenas a manutenção do espaço físico, como também retrata a manutenção e a preservação desses locais. Assim, foi perguntando aos moradores sobre a importância da preservação para a manutenção do mercado público, nas quais eles apontaram as seguintes colocações:

“Um prédio antigo, muito bonito, um prédio histórico, um dos primeiros construídos no Icó, com mais de 150 anos de história”. (Entrevistado A)”.

“Manter um dos prédios mais antigos da cidade”; (Entrevistado B)”.

“Esse mercado deveria ser preservado, como patrimônio não deveria ser demolido, mas sempre em processo de mudança, o Iphan é o culpado da situação atual, pois preferiu manter a forma do seu início”; (Entrevistado C)”.

“A importância é muito grande, se tivesse um projeto que melhorasse isso aqui, que voltasse a ser o que era antes, mesmo que fosse em outro estilo, mas que trouxesse o povo”. (Entrevistado E)”.

Em consonância com as falas dos moradores, o mercado público enquanto bem patrimonial tombado pelo IPHAN exige que os edifícios históricos possam se manter preservados, podendo assim garantir a manutenção e a vida deste espaço. Assim, as intervenções urbanas para a preservação do patrimônio têm um caráter de “restauração”, onde suas ações visam manter seus aspectos e funcionalidades originais, deixando como era antes, mantendo com exatidão a “forma original do imóvel”. (Olivera, 2017)

Outro aspecto importante percebido na fala dos moradores com relação a preservação do mercado está associado a identificação dos moradores com esse espaço, sendo este ponto fundamental para a construção do “valor de memória”. A partir disso, se faz necessário desenvolver ações nas quais colaborem para o resgate patrimonial desses espaços, com ações planejadas nas quais visem a proteção da sua identidade e a sua continuidade como referência cultural. (Olivera, 2017)

A importância da preservação desta forma simbólica espacial atribuída pelos moradores icoenses parte da afirmação deste espaço enquanto ‘monumento’, ao representar materialmente os eventos ocorridos no passado, permanecendo na paisagem urbana, eivadas de “valores estáticos e simbólicos” construídos pelos grupos sociais. (Corrêa, 2007)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as entrevistas realizadas com os moradores presentes no Mercado Público de Icó, no qual vivenciam este local, seja para fins econômicos ou sociais, além da sua centralidade dentro do espaço urbano, percebeu-se que esta área aparece como uma forma simbólica espacial, onde a sua paisagem apresenta um simbolismo para os sujeitos que o experienciam cotidianamente.

A partir das falas dos seus frequentadores, o Mercado Público se apresenta repleto de significados, o primeiro destes associados as histórias dos moradores presentes nesse espaço desenvolvendo atividades econômicas por muito tempo, em alguns casos herdando a história e o trabalho de seus familiares mais antigos.

O segundo significado no qual pode ser atribuído está ligado aos elementos colocados pelos moradores e encontrados no espaço do mercado público, como os artefatos de couro, a enxada, a chibanca, os produtos de barro, que representam os símbolos da cultura nordestina e mantém viva a história do município.

É importante colocar também que as memórias colocadas pelos moradores durante a conversa, evidenciam a construção identitária e afetiva dos frequentadores com este espaço, sendo desenvolvida através das experiências vividas cotidianamente. A memória cultural das pessoas pelo mercado público é alicerçada por meio dos significados atribuídos as formas presentes nesse local.

As memórias colocadas pelos moradores revelam uma série de pessoas e elementos os quais não fazem mais parte do contexto do mercado público de Icó. Vale ressaltar que os frequentadores mudaram o seu comércio para outros locais ou deixaram de exercer estas atividades, enquanto as mercadorias foram transferidas para outros espaços, seguindo as novas imposições do sistema capitalista para o espaço urbano.

No olhar dos moradores que frequentam o espaço, o tombamento do prédio do Mercado Público pelo Iphan, inserido no Centro Histórico de Icó, representa a conservação da forma arquitetônica e a história icoense, por ser um dos primeiros espaços criados no processo de expansão urbana da cidade.

Entretanto, no olhar dos moradores, a preservação do seu estilo arquitetônico do mercado público por meio da patrimonialização conserva a estrutura apenas da parte externa do

local, enquanto o lado interno do espaço sofre com a falta de manutenção por parte do poder público. Assim, a maioria das atividades realizadas, sejam econômicas ou culturais, deram espaço para o vazio do comércio e de frequentadores, devido as condições atuais do mercado e a ausência de políticas de restauração e requalificação.

A permanência dos moradores nesse espaço patrimonial se consolidou por meio de algumas questões. A primeira delas está associada as atividades realizadas, sejam econômicas ou sociais, contribuem para a construção dos sentimentos de pertencimento, afetividade e os significados existentes por esse espaço. A segunda questão pela qual se justifica a continuidade dos moradores diz respeito a preservação e conservação desse bem patrimonial, considerado um dos espaços mais antigos da cidade de Icó e importante para a história local.

A afetividade e o simbolismo dos moradores pelo Mercado revelam as memórias existentes pelo local, evidenciam também os problemas existentes no local, como a saída da maioria das atividades comerciais para outros espaços, a ausência de manutenção no espaço, a insegurança vivida pelos comerciantes, moradores e visitantes, sendo estes considerados motivos pelos quais a área está esvaziada.

Assim, os frequentadores pedem a refuncionalização do Mercado Público, com a inserção de novas atividades econômicas e culturais, além do retorno das antigas atividades, nas quais contribuiriam para uma revitalização desse espaço, valorizando a forma simbólica espacial, cercada de histórias e simbolismo para as pessoas.

Por meio das entrevistas realizadas e das proposições colocadas, o estudo em questão concluiu os objetivos traçados, fomentando assim as pesquisas na área de geografia cultural, ao enfatizar as discussões associadas a uma forma simbólica espacial, o patrimônio cultural pelo olhar geográfico, discutindo sobre as memórias dos frequentadores por esse local, a sua preservação, revitalização e refuncionalização no espaço urbano.

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda de. Uma leitura etnogeográfica do Brasil sertanejo. **GeoTextos**, 2022. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/c36e/b4044e3cbe39a96f9ece8307d55281570a0e.pdf> Acesso em: 20 mai 2024

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. Martins, 2007.

CLAVAL, Paul. Etnogeografias-Conclusão. **Espaço e Cultura**, n. 7, 1999. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/download/6995/4944> Acesso em: 20 mai 2024

COSTA, Otávio. "Memória e Paisagem: em busca do simbólico dos lugares." **Espaço e cultura**, 2008 - 149-156. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/download/6143/4415> Acesso em: 20 out 2022

CORRÊA, Roberto Lobato. A dimensão cultural do espaço: alguns temas. **Espaço e cultura**, n. 1, p. 1-22, 1995. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/download/3479/2409> Acesso em: 24 jun 2024

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Ed.). **Geografia cultural: uma antologia**. SciELO-EDUERJ, 2012.

CORRÊA, Roberto Lobato. Monumentos e geografia-uma sistematização. **Terr@ Plural**, v. 1, n. 1, p. 9-22, 2007. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tp/article/download/1139/850> Acesso: 20 jun 2024

CORRÊA, Roberto Lobato. Temas e caminhos da Geografia Cultural: uma breve reflexão. – **Rio de Janeiro: EdUERJ**, 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Formas simbólicas espaciais: o shopping center. **Geografia Cultural: uma antologia**, v. 2, p. 91-100, 2013. In: CORRÊA, Roberto Lobato. Formas simbólicas e espaço: algumas considerações. **GEographia**, v. 9, n. 17, 2007.

COSGROVE, Denis. Mundos de significados. Geografia cultural e imaginação. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Geografia Cultural: Um Século (2)**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

DECLARAÇÃO DO MÉXICO. Conferência mundial sobre políticas culturais. **Cidade do México: ICOMOS, Conselho Internacional de Monumentos e Sítios**. v. 30, n. 4, 2011 p, 1985.

DURSO, Fábio Cabral. Abordagens sobre Memória Social à luz do Patrimônio Cultural. **Revista de Ciências Humanas**, v. 1, n. 23, 2023. Disponível em: <https://beta.periodicos.ufv.br/RCH/article/download/16336/8120> Acesso: 05 set 2022

DUNCAN, James. O supraorgânico na geografia cultural americana. **Espaço e cultura**, n. 13, p. 7, 2004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/download/7423/5379> Acesso: 05 set 2022

FARIAS, Alex da Silva. Patrimônio e práticas culturais no “mercado velho” de Aracati. **Revista UECE**, 2007. Disponível em: https://www.uece.br/eventos/eehce2016/anais/trabalhos_completos/249-17858-20122016-163741.pdf Acesso: 10 jul 2024

FILHO, Christovam Reis dos Santos. Formas simbólicas espaciais presentes na Igreja Universal do Reino de Deus. **Revista Intratextos**, v. 8, n. 1, p. 262-280, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/intratextos/article/view/29739> Acesso: 20 jun 2024

GOMES, Paulo César da Costa. A cultura pública e o espaço: desafios metodológicos. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (org.). **Religião, identidade e território**. Rio de Janeiro. editora: UERJ, 2001. p. 93-113

ICÓ, Prefeitura Municipal de. Secretária de Cultura. **Dados do município**. Icó, 2023.

IPHAN. Estudo para tombamento do conjunto arquitetônico e urbanístico da cidade de Icó – Ceará. Vol 1. 4ª Coordenação Regional do IPHAN (CE/RN), 1997

IPHAN. **Paisagem Cultural**. Brasília: Iphan, 2009 Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Livreto_paisagem_cultural.pdf Acesso em: 20 out 2023

JUNIOR, Josemar Elias da Silva; OLIVEIRA, Ana Lúcia Tavares de. Patrimônio Cultural, Identidade e Memória Social: suas interfaces com a sociedade. **Ciência da Informação em Revista**, v. 5, n. 1, p. 3-10, 2018. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/download/3775/3388> Acesso em: 21 jun 2023

LOBATO, Rodrigo Batista; BRUM, Jean Lucas Da Silva; MENEZES, Paulo Márcio Leal de. Mapeando as formas simbólicas espaciais do funk carioca das décadas de 1990 e 2000: Simbolismo do lugar e a identidade nas músicas. **Geograficidade**, v. 8, n. 3, p. 175-187, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7341953.pdf>. Acesso: 30 mai 202

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Os desafios da Pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes Limitada, 2007, 26º edição.

NASCIMENTO, Tarcyzio José dos Santos. **Mercado público e sociabilidade: um estudo sobre o Mercado Municipal de Bayeux-PB**. 2023. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/57498/1/Mercadopublicosociabilidade_Nascimento_2023.pdf Acesso em: 23 jun 2024

OLIVEIRA, Natália Késia de Caldas et al. **Transformações e permanências no espaço urbano: o caso do mercado central de Cajazeiras-PB**. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Campina Grande, 2023.

OLIVERA, Juliana Delgado. Novos usos do patrimônio cultural edificado: análise da requalificação para uso cultural do Mercado Público Municipal de Jaguarão/RS. 2017. Disponível em: <https://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/riu/2385/1/JulianaDelgadoOlivera2017.pdf> Acesso em: 20 nov 2023

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, memória e centralidade urbana. **Revista Mosaico-Revista de História**, v. 1, n. 1, p. 3-12, 2008. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/download/225/179> Acesso em; 20 ao 2022

RODRIGUES, Donizete. Patrimônio cultural, Memória social e Identidade: uma abordagem antropológica. **Revista Ubimuseum**, v. 1, p. 45-52, 2012.

RODRIGUES, Donizete. Patrimônio cultural, memória social e identidade: interconexões entre os conceitos. **Letras escreve**, v. 7, n. 4, p. 337-361, 2017. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/0966/1739ce4061c1190d5d10d506f099c746e1b5.pdf> Acesso em: 20 dez 2022

ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. Geografia Cultural: apresentando uma antologia. In: CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z (Org). **Geografia Cultural: uma antologia**, eduerj, v. 2, 2012.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. Editora Contexto, 2007.

SILVA, Elsa Peralta da. Patrimônio e identidade. Os desafios do turismo cultural. **Antropológicas**, n. 4, p. 217-224, 2000. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/antropologicas/article/download/932/734> Acesso em: 20 jun 2023

XAVIER, Ana Estela Vaz. A revitalização do Mercado Público de Pelotas e sua ressignificação social. **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 2, p. 72-89, 2016. Disponível em: <http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/download/355/186> Acesso em: 10 mai 2024